A GESTÃO DEMOCRÁTICA E O OLHAR DOS SUJEITOS SOBRE O PROCESSO DE PARTICIPAÇÃO NO COTIDIANO DA ESCOLA.

Ceila Ribeiro de Moraes (Universidade do Estado do Pará – UEPA)

E-mail: ceila_moraes@yahoo.com.br

Resumo: Este ensaio teve como investigação: *que saberes e práticas estão sendo construídas no cotidiano escolar?* Realizada em uma escola pública do bairro da Marambaia/Belém/Pará/Brasil. Objetiva identificar como a participação se dimensiona como práxis escolar e quais os espaços participativos existentes no cotidiano da escola. Pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, cujos sujeitos foram: pais, alunos, professores e técnicos do ensino fundamental. Fizemos levantamento bibliográfico e documental e entrevistas com professores, técnicos, alunos e pais. A análise se efetivou via categorias de análises e eixos temáticos. Apontamos indicadores de uma educação para a cidadania, em que a participação como um *saber-fazer* faça parte da vida humana em sociedade e no sistema escolar.

Palavras-chave: Participação. Cultura Democrática. Práxis.

INTRODUÇÃO

O estudo sobre saberes e práticas participativas construídas no cotidiano escolar, vislumbrando a construção de uma cultura democrática na escola resulta da atuação no projeto "Conselhos Escolares: uma experiência de democratização da educação na Amazônia", entre 2002 e 2005 e da trajetória no mestrado em educação.

Atualmente, a educação vive momentos de grandes discussões, tais como: a qualidade do ensino, que tipo de indivíduos nossas escolas estão formando, gestão democrática, escola para todos, entre outras.

Questões que apontam para a necessidade de uma educação, que vise mudanças no pensar e agir das pessoas e que favoreça a busca de alternativas que possam auxiliar na construção da responsabilidade social. Contudo, exige-se que a educação tenha uma nova concepção. É necessário que o ser humano tenha uma nova visão, uma nova postura, que seja um ser criativo, pensante e participativo, para que construa novos saberes, como condição essencial para a construção de uma cultura democrática.

I. O OLHAR DOS SUJEITOS SOBRE O PROCESSO DE PARTICIPAÇÃO NO COTIDIANO DA ESCOLA

Em seu sentido pleno, a participação caracteriza-se por uma forma de atuação consciente pela qual os sujeitos reconhecem e assumem seu poder, que conforme Luck (2006, p.29), exerce influência na determinação da dinâmica da instituição, de sua cultura e de seus resultados. Poder este, que resulta de sua "competência e vontade de

compreender, decidir e agir sobre questões que lhe são afetas, dando-lhe unidade, vigor e direcionamento firme".

Assim, a participação assume uma dimensão política de construção de bases de poder, pela autoria, pelo pertencimento, que se constitui em um autêntico sentido de autoridade. E é entendida como um processo dinâmico e interativo que vai além da tomada de decisão, da superação das dificuldades e das limitações para o enfrentamento dos inúmeros desafios vividos no cotidiano escolar, do bom cumprimento da finalidade social e do desenvolvimento de sua identidade social.

A falta dessa consciência e do sentimento de pertencimento resulta em atitudes negativas das pessoas que atuam nos contextos da educação, como faltas, omissões, descuidos e até mesmo incompetência, como aspectos responsáveis pelo fracasso escolar. Em contrapartida, a participação no seu sentido pleno, se dá pela mobilização efetiva dos esforços individuais e coletivos para a superação de atitudes de alienação, acomodação, marginalidade e reversão de comportamentos individualistas, pela construção de espírito de equipe, entendidos e assumidos por todos.

1.1 A PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA: DESAFIOS

A pesquisa, através da realização de entrevistas, identificou sobre a dinâmica da escola no sentido da compreensão sobre a participação na escola, que no ambiente escolar como nos movimentos sociais a participação dos indivíduos é pequena, considerando a amplitude do conceito social do termo, como vemos:

> e, eu penso que a escola, como uma unidade da sociedade, ela também sofre, como sofre todas as outras entidades que trabalham com o social, ou seja, pouca participação não apenas na escola, mas em todos os movimentos sociais, a gente percebe que há a falta de participação, falta de crédito dos entes envolvidos nesse grupo, nesse movimento com as lideranças e o desinteresse também da participação, então a escola não vive isolada desse conceito social amplo, que se diz não apenas aqui no Pará, mas no Brasil, na América Latina como um todo né? Então a participação, ela não é a ideal, mas ela procura sempre ampliar o máximo possível de pessoas inseridas nessa dinâmica escolar. Pais, alunos, professores, técnicos e a comunidade organizada aqui do bairro né? (TÉC. 1)

Esta fala indica uma apatia de todos os envolvidos com a educação na escola, haja vista que a observação realizada para o estudo, também identificou a não

participação, ainda que a fala revele o envolvimento dos professores no processo de participação:

> Os professores da nossa escola, eles são bastante envolvidos na participação aqui na escola, todo mundo procura participar, ‘agorinha’, ‘agorinha’ eu estava conversando com uma professora e nós estávamos conversando a respeito de determinados alunos, ‘ai’ a gente vê o quanto o professor se envolve, eu tenho contato direto com eles aqui, mas a gente percebe que o professor de sala de aula, ele está envolvido, ele se preocupa, ele busca, aqui a coordenação vai até na casa dos alunos quando a gente tem algum tipo de problema, aluno que falta né? Então eu acho que aqui o pessoal se envolve muito, muito mesmo, principalmente os professores, são os mais preocupados com essas questão da participação na vida da escola, tudo o que acontece aqui na escola; é um conversando com o outro, um pedindo a opinião do outro, até eu né, que as vezes eu tô um pouco de fora, em determinadas situações, eles vem perguntar, que a gente conhece, sabe de tudo o que tá acontecendo aqui, um pouco de cada, é... como é que se diz? Segmento da escola, a gente conhece um pouco (PROF. 1).

Outro(a) Professor(a) reforça a importância dos docentes:

> De um modo geral, a participação dos professores, dentro do possível, acredito que é muito boa né? O professor geralmente, é... Tem muita dificuldade pra trabalhar né? Mas eu acho que com todas as dificuldades, acredito que a participação em si, ela é muito boa né? Ela tem ajudado muito a melhorar a escola *(PROF. 2).*

Assim, o que se percebe é que os alunos são responsáveis por si próprios, pois os pais e/ou responsáveis deixam de comparecer à escola na medida que avançam nas séries. Isto mostra a ausência da família, que transfere a responsabilidade da educação dos filhos para a escola, quando deveriam ser parceiros na formação dos alunos. A participação, principalmente dos pais, fica comprometida. Já a participação dos professores é que faz a diferença no cotidiano da escola. Mesmo sem muito estímulo, procuram desenvolver seu trabalho.

Assim, com a estrutura física e humana que a instituição possui, deveria ser um exemplo positivo de prática administrativa, pedagógica e de gestão participativa, mas a falta de compromisso, de dedicação e de vontade de quem faz a escola, impede a concretização de boas ideias de alguns dos profissionais que tentam realizar atividades que promovam mudanças no sentido de construir uma dinâmica de participação cotidiana na escola. E desde modo os dias, os anos vão passando e nada acontece, a não ser a mudança da política educacional do município que interrompe um trabalho e

desestimula os atores sociais na busca de um caminho de transformação do cotidiano escolar.

As decisões devem ser tomadas por todos os que formam a comunidade educacional ou pelo menos pelo grupo representativo de cada segmento escolar, cada um assumindo as responsabilidades pelas decisões e agindo conjuntamente como cidadãos participativos para implementá-las.

O Técnico 3 informou que as decisões são tomadas coletivas no âmbito da escola:

> As decisões são tomadas no coletivo né? Mas, na maior quantidade de pessoas que forma um grupo, sempre a gente procura fazer assim, não é só a direção que decide, mas o, não vamos dizer que seja todos os segmentos, mas sempre, mais de um segmento, sempre tá presente. Principalmente o docente né? A questão de aluno, de pais, por conta do Conselho, a gente tem assim, uma, uma chamada mais de coletivo, não é aquilo que se gostaria que fosse, mas não existe aquela decisão do diretor chegar, assim, "olha vamos fazer isso" Não, a gente senta pra, discutir e tomar decisão (*TÉC. 3).*

Outro Professor afirmou que as decisões da escola ainda são tomadas pela direção da escola, apenas quando eles discordam é que fazem sugestões, conforme depoimento:

> Na escola, a decisão ainda fica muita a cargo da direção, ainda né? Mas quando eles veem com alguma coisa, alguma proposta pronta, geralmente os professores, se acham que não está correta, dão sugestão melhor e se a proposta for boa, a gente acata, muitas vezes *(PROF. 1)*.

O *aluno 5* acrescenta que as decisões são tomadas por um pequeno grupo da escola: diretora, vice-diretora, orientadora e supervisora e às vezes os professores participam também dessas decisões:

> Pela orientadora também, pelos professores, é assim, por exemplo, assim, vai ter uma reunião com os professores, todos decidem. Não é só a diretora, mas a orientadora pedagógica também. A Maria do Ó, que é orientadora, a Miraci também, a Baldez e a diretora que é a Dulciene. Às vezes os professores também tomam essas decisões, mas quem, quem assim já, quem já organiza tudo já é a orientadora e a diretora *(AL 5)*.

Assim, não há consenso nas falas dos sujeitos. Os discursos apontam para o fato de que a tomada de decisão da escola está centralizada na direção ou em pequenos grupos. Se a comunidade escolar não participa das tomadas de decisões na escola, esta não pode ser considerada participativa. Ela apresenta alguns mecanismos de participação democrática, como os Conselhos Escolares e de Ciclo/Classe, mas não se configuram em seu cotidiano uma cultura democrática participativa.

1.2 COMPROMISSO DA ESCOLA COM AS CAUSAS SOCIAIS

No que concerne ao compromisso da escola em relação às causas sociais referente à vida dos alunos, a *Representante de Pais 1, o Professor 3 e o Técnico 3* revelam que a escola se preocupa com este aspecto e tenta fazer o que está ao alcance da coordenação da escola:

> Se preocupa porque eu já vi, eu não sei se foi ano passado ou ano retrasado que um, foi até, ele tá até estudando hoje com o Rafael também, ele tinha um problema, os pais se separaram, ele tava muito agressivo na sala, respondia demais pra professora. Então, quase todos os dias, ele tava aqui conversando com a coordenadora, lá na sala, então eles procuram ajudar, mandam chamar o pais, mandam chamar a mãe, pra vê o quê que tá acontecendo. Por que, por que essa reação do aluno na sala de aula? Não só com os professores, com a professora, que era 4ª série, como com os colegas também. Mas ele procura, a escola procura ajudar no que for possível né? Eu já vi, eles procuram ajudar o aluno *(REP. PAIS 1)*
>
> Com certeza. É comprometida, sim. A escola é bastante comprometida coma as causas sociais que dizem respeito à vida dos alunos, inclusive quando o aluno falta, quando o aluno tem algum problema, ele é chamado pela coordenação pedagógica, nós temos uma coordenação pedagógica bastante ciente *(PROF. 3)*
>
> Bem, quanto a questão, vida de aluno, que nós chamamos a questão social, a escola, ela se preocupa com isso, é, de trabalhar esses aspectos, principalmente na questão comportamental do aluno, ou seja, das atitudes do aluno né? Então, as atividades, elas são pensadas como função social. Eu acredito que a gente já amenizou um pouco essa questão, principalmente no terceiro turno, a questão do ouvir, do relacionar, a gente já, já conseguiu muita coisa aqui, pra que era a questão do dia-a-dia da escola hoje a gente tá bem melhor, mas ainda precisa melhorar muito porque acaba que a escola fica sobrecarregada e acaba fugindo dos seus objetivos que é, a de proporcionar a aprendizagem *(TEC. 3).*

Já o *aluno 5* discorda desse posicionamento afirmando que a escola não se preocupa com as causas sociais referentes à vida dos alunos porque eles não gostam de falar de suas vidas, pois todos na escola terminam sabendo e fazendo comentários que os(as) alunos(as) não gostam:

> Não. Não se preocupa, por que às vezes a maioria dos alunos não falam da sua vida pros professores. Por que alguns falam, os professores comentam na diretoria, às vezes a diretoria comenta por aqui pela sala, ai os alunos ficam um pouco triste por que tão comentários pela sua vida e eles não gostam que, assim, eles não gostam que fique comentado da vida deles, entendeu? Aqui na escola, às vezes se os professores falam assim, alguma coisa, ai deixa eles triste, ai eles não gostam muito *(AL. 5)*

A prática participativa é em si, um processo formativo, quanto mais se vivencia, mais se aprende, por isso torna-se complexo e fundamental para continuidade das políticas educacionais pautadas nos princípios da inclusão social e da democratização da gestão educacional, com vistas à formação da cidadania e à construção do conhecimento.

1.3 ATITUDES FRENTE AOS PROBLEMAS DA ESCOLA E SUGESTÕES

Quando perguntados se as pessoas são perseverantes em resolver os problemas da escola ou desistem facilmente ao surgimento da primeira dificuldade, as opiniões foram as mais diversas:

> Olha, existe pessoas... As pessoas perseverantes, é, e aí já muda um pouco a conotação do sentido da palavra, é, são aquelas que realmente vestem a camisa da educação, mas na maioria, acredito que são, são... Desistem. Essa desistência, é a forma de você ir levando aquilo, empurrando com a barriga, como se fala. Não é aquela, aquela, perseverança de você se juntar pra resolver as coisas né? Porque a perseverança não é dizer "Eu sou perseverante" e com isso eu vou levando, levando, não. Eu acho que tem que ter o momento da busca de resolução das coisas né? Então, eu acho que tá mais, mais pra desistência do que pra... perseverança ... pra perseverança (*TÉC. 3).*

A crença da *Representante de Pais 3* aponta a Coordenação Pedagógica como as pessoas mais perseverantes na escola, por estarem sempre presentes e tentarem resolver os problemas da escola:

> Acredito que seja as coordenadoras, porque elas que ficam mais aqui, passam mais tempo. Elas chamam os alunos, então elas vêem que tão com problemas, conversam, procuram saber sobre, chamam o pai, chamam a mãe, elas procuram resolver. Então eu acredito que sejam elas, que ficam mais tempo aqui, são os funcionários que ficam mais na escola. Tanto pela parte da manhã, quanto a tarde *(REP. PAIS 3).*

Quanto à existência de reciprocidade entre a comunidade escolar, ou seja, pais, alunos, professores, direção, os técnicos, com o objetivo de resolver as situações problemas da escola, a *Técnica 5* demonstra a aceitabilidade da escola pela comunidade e vice-versa, mas afirma que poucos pais vão à escola, mesmo quando convocados e, alerta que todos são conscientes dos problemas a serem resolvidos, o grande problema está no *fazer*.

> Sempre a gente sabe que tem as questões pra ser resolvidas, todo mundo tem a consciência né? Tanto a comunidade, quando ela é chamada, poucos pais que vem, mas, é, quando estão presente, procura assim, é, tentar resolver as coisas, mas é um grupo muito pequeno né? Então, a comunidade na verdade, ela é bem aceita dentro da escola, o que falta é ela realmente acreditar nisso, estar mais na escola, não só para as festas, mas pra vivenciar a questão, principalmente a questão pedagógica. Estar ali, porque é fácil se detectar o problema, se enumerar os problemas, mas a dificuldade, a dificuldade é sair daquilo que você vê pra aquilo que é o fazer *(TÉC. 5).*

Reforça ainda que a escola possui um grupo bom de profissionais e por isso deveria ser uma excelente escola, mas não são perseverantes.

> Então existe a possibilidade de um, de um grupo, tem um grupo bom de trabalho, mas falta essa, essa força, essa perseverança, essa vontade de, de querer resolver as coisas né? Dentro das possibilidades, sempre eu vejo que as coisas podem ser desenvolvidas, ser resolvidas, dentro das possibilidades, de cada pessoa que forma a escola, então isso, apesar da gente ter um grupo bom, era pra ser uma escola melhor, entendeu? Até pela, até pela própria aceitação da comunidade, se a gente não tem problema da comunidade, de fazer... Porque tem escola ai que tem, problemas seriíssimos com a comunidade, aqui não, é uma escola que tá sempre aberta pra comunidade *(TÉC. 5).*

O desabafo da *Técnica 2* reflete a realidade nua e crua que a escola vive atualmente. Vale ressaltar que as atitudes profissionais reveladas a seguir não deve ser generalizada, mas caracteriza boa parte de seus professores.

> A preocupação com o aprendizado do aluno, o compromisso que eu tenho como profissional, como educador, é, porque eu tenho vidas na minha mão, nas nossas mãos, né? A escola é responsável por mais de, de mil vidas, e eu posso aproveitar esse momento justamente, pra trabalhar as questões atitudinais dentro da minha disciplina. Vamos fazer uma avaliação de como é que foi o semestre, quê que eu Professor, como é que vocês tão me vendo como professor, quê que eu preciso melhorar, mas não se faz isso. O único que é avaliado a pau mesmo, é o aluno né? Se você for participar do conselho tu vai ver. Tu vais ver que é o aluno, é o aluno isso, o aluno não quer nada, o aluno aquilo. E ai, é, tem um momento que a gente coloca pro aluno, mas os alunos têm medo de avaliar o professor, porque infelizmente ainda tem aquela história de pensar, os próprios pais, tem pais que não gosta vir reclamar, porque pensa que o professor vai marcar os filhos, ainda tem isso né? Então, essa é a grande problemática da escola, a gente não consegue mesmo essa vontade, essa coisa de, de resolver as coisas, de fazer as coisas, *é o fazer da escola*, é o que está complicado, não que ela não tenha estrutura, dizer que é escola que não tem todas as tecnologias, porque o problema não é esse, não é ter as tecnologias, mas é como utilizar isso, pra que o aluno possa aprender, porque pra mim a aprendizagem só acontece quando muda o comportamento. Se você tá ali, ensinando matemática e o aluno aprende calcular, aprende o cálculo, mas não aprende a matemática como função social na vida dele, ele não faz a relação da matemática com a vida dele, desde o pão que ele compra, do bombom que ele compra, então, não existe essa aprendizagem mesmo, na minha visão né? *(TÉC. 2).*

Foi importante esse depoimento para refletirmos sobre a avaliação docente que na escola, praticamente é inexistente. A escola, portanto, já tem implementado um processo de gestão democrática no seu cotidiano, já deveria utilizar-se deste instrumento para a melhoria da qualidade da aprendizagem e do processo de consolidação de uma cultura de participação democrática na escola.

Para melhorar a qualidade da participação na escola cada sujeito deu sua opinião em relação ao seu segmento de representação na escola, dando sugestões.

> Para os professores compreenderem mais, ajudarem mais, porque eles não ajudam direito, eles ajudam, mas não o suficiente pra nós nos dedicarmos, entendeu? E a direção da escola também ajudar, em que nós precisarmos *(AL. 2).*

O *Aluno 4* sugere que a escola deve tratar melhor os professores e respeitar os alunos para que a participação deles seja mais efetiva.

> É, eu acho que eles deveriam tratar melhor os professores, saber respeitar muitos alunos, é, cuidar da escola, fazer algazarra, porque muito, muito eu vejo de algazarra. Eu acho

> que os alunos deveriam participar mais dos problemas da escola que muitos, muitos não participam, deixam de participar, é isso *(AL. 4).*

O *Técnico 3* estimula a criação de Grêmio Estudantil como sugestão para melhorar a participação de alunos(as)

> Se for, especificamente dos alunos, eu diria que o grêmio estudantil, ele é fundamental, ele é fundamental. Eu vim do movimento estudantil da universidade do estado e ali algumas coisas duma figura muito interessante chamado Maurício Estrapenbergue assinala que a simples presença de estudantes em obras colegiadas é fato de moralização desses órgãos colegiados, porque o que, o que se discute, o que se decide sem a presença da representação discente é completamente diferente do que se discute e se encaminha com a presença desses representantes discentes. Então ele, ele sustenta que só a presença dos estudantes já dá moralização porque as coisas fluem de uma outra perspectiva, numa outra perspectiva né? Eu penso que a escola também é assim né? E assim também aconteceria com os pais. Quando os pais tão em reuniões coletivas, o tom do debate é outro, idem para a presença do estudante né? E pra comunidade organizada também. Então a gente sempre procura estimular essas participações, mas quando não há o tom e os encaminhamentos são diferentes, eu preciso relatar isso. Porque quando há essa ausência, é, certas pessoas acabam incluindo no debate determinadas temáticas, determinadas situações que a ausência daquela, daquele segmento proporciona a agilidade de determinadas situações, infelizmente o sistema municipal, os gestores do sistema municipal, eles trabalham muito bem nessa perspectiva da ausência, porque pra eles o espaço não ocupado é espaço perdido, o outro que perdeu, que se ausentou vai ter apenas que ter conhecimento das deliberações né? *(TÉC. 3).*

A *Representante de Pais* 3 sugere que para que os pais tenham uma participação mais efetiva, a escola deve proporcionar mais encontros com palestras para os pais e sejam realizados nos dias de sábado para que possam participar, já que a grande maioria trabalha durante a semana.

> Sugestão? Pra que os pais participem melhor na escola. Acho que sugestão, é porque quase todos trabalham né? Tanto pai, quanto mãe e geralmente, às vezes, não tem tempo de vir à escola, mas eu acredito que... A não ser que faça, procurem fazer assim, a reunião, reunião aos sábados que às vezes também, nem todos podem vir. Mas, acho que é isso porque eles trabalham durante a semana, aí fica meio difícil vir à escola, mas procurar fazer mais atividades pra chamar a família, teve, é parece que foi o 5º encontro da família aqui na escola, foi muito bom. Esse ano. Veio um, parece que foi um psicólogo que veio, eu não tô lembrada, mas foi muito bom, eu vim e gostei. Ele falou lá no auditório sobre família, sobre pais,

> filhos. Então eu acho que tem que ter mais, mais essas coisas assim pra chamar a família em geral, pai, filho, aluno. Acho que é isso *(REP. PAIS 3).*

Já a *Representante de Pais 1* sugere a oferta de oficinas, como estratégia para atrair a atenção e participação dos pais na escola.

> Olha, eu acho, eu, na minha opinião, deveria haver assim, tipo assim, algum projeto aqui da escola né? Que chamasse a atenção dos pais né? Tipo assim, uma oficina de.. Porque na outra escola onde o meu filho estudava né? Lá, de vez em quando tinha aquelas oficinas daqueles, é, instrutores né? Que iam, ensinavam a fazer crochê, fazer bolo, pra quem não sabe né? Então, havia essa, essa participação entre escola e a comunidade, dos pais né? Então, eu acho que aqui deveriam fazer à mesma coisa né? Ter um projeto assim pra chamar os pais pra participar, pra participar mais das atividades da escola, ficar sabendo do que tá ocorrendo na escola né? Então, eu acho que deveria ser isso *(REP. PAIS 1).*

Outro Professor sugere para melhorar a participação dos professores no cotidiano da escola: resgatar as reuniões com todos os turnos, realizando momentos coletivos e pensando a escola como um todo.

O *Técnico 3* sugere para a melhoria da qualidade da participação dos(as) alunos(as) o incentivo e a motivação para que eles vejam nas aulas chatas motivos para assisti-las.

> Agora, quanto ao aluno é incentivando, trabalhando a motivação, mesmo que ele veja naquela aula, uma aula um saco, mas que ele busque encontrar outros, outras formas de, de levar aquela aula *(TÉC. 3).*

Buscar uma postura diferente no cotidiano foi a sugestão dada pelo(a) *Técnico(a) 2* para melhorar a qualidade da participação deles próprios no *saber-fazer* escolar.

> ... buscar mesmo no fundo essa postura diferente, mudar essa forma de estar na escola, de trabalhar na escola, mudar a sua prática pedagógica, dentro da educação a qual exige hoje das suas crianças. Então não tem, não tem receita, não tem, não precisa você ir fazer especialização, ir lá pros Estados Unidos, não sei pra onde, mas se aqui no dia-a-dia você não muda. Nós temos especialistas, temos até doutores, já fizeram doutorado aqui dentro da escola, mas vai na prática deles, não muda. É tantas formações que são dadas, momento pra estudo é o que

> mais tem, olha o professor passa uma semana estudando, que a SEMEC promove formação, quando vem de lá, "ah é sempre a mesma coisa, tudo a mesma coisa" Quer dizer que não mudou nada? Entendeu? Então é como eu te falo, não é, não é sugestão, é postura mesmo, é vivência, é querer, sabe? É alma, é alma pra educação, pra mim é isso que tá faltando *(TÉC. 2).*

Propondo sugestões para a melhoria da qualidade da participação no interior da escola, os sujeitos evidenciaram seus desejos, mediante a experiência vivida no cotidiano da escola. Por fim, a partir destes aspectos, torna-se imperativo maximizar o desenvolvimento do poder da competência, da prática pedagógica e das relações humanas, vislumbrando a melhoria da qualidade da educação de Belém, pois seus atores não podem mais ignorar os problemas do cotidiano da escola. Apenas *saber* o que deve ser feito não é suficiente, é mister a ação reflexiva – o *saber-fazer* – coerente com a proposta pedagógica e com a realidade da escola.

Pautado em patamares que sustentam a participação no seu cotidiano, o Projeto Político Pedagógico da escola está muito bem estruturado, mas por que a escola não consegue executar o que planeja? A educação é a base da vida de qualquer ser humano e, portanto, deve ser levada a sério no seu planejamento, na sua execução e no investimento empreendido. Os profissionais da escola têm consciência clara sobre isso, mas não conseguem por em prática esse projeto bonito de formação para a cidadania, que venha a intervir na realidade e transformar a sociedade, começando pela escola.

A escola é aberta à comunidade que a aceita muito bem, mas não mais acredita nela, porque as propostas colocadas em reunião no início do ano letivo não são efetivadas. Não cumpre o que fala e assim, distorce a teoria da prática. A *práxis* neste sentido, está longe do considerado ideal pelo próprio Projeto Político Pedagógico da escola, por perder o seu foco principal que é o aluno. Seu planejamento é executado em face dos seus profissionais e não dos educandos. Apesar de possuir um excelente grupo de professores e uma política pautada no "nós", o que prevalece é sempre o "eu". Os professores não perseveram no intuito de mudar e quem mais é penalizado neste contexto são os (as) alunos (as).

Assim, o estímulo à criação do Grêmio Estudantil, de oficinas de culinária e crochê para as mães, de encontros e palestras para os pais e alunos em geral, de trabalhos desenvolvidos em grupos com e pelos professores, de reuniões realizadas com todos os turnos da escola juntos, integrando a comunidade escolar, como proposta de melhoria da qualidade da participação no cotidiano da escola é considerada bastante

salutar e coerente. A participação dos pais na vida da escola, bem como a mudança de postura, a vivência dos profissionais de educação, o *querer* e o *fazer* de todos, fazem a diferença no resultado do trabalho, principalmente quando a "alma" é colocada no fazer cotidiano da escola.

A escola não pode viver com um pequeno grupo de pessoas que se envolvem, decidem e fazem as coisas acontecerem e a escola apenas sobre*VIVA*. É necessário que todos – gestores, administradores, técnicos, docentes, discentes, pais e comunidade – com os mesmos objetivos e propósitos caminhem na mesma direção, acreditem nos mesmos ideais e construam a escola que prepare para a vida, que produza *VIDA e VIVA* na sua *práxis* a participação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um processo social, a participação apresenta vários desdobramentos e nuances, demandando de todos os participantes e, sobretudo, da equipe gestora da escola, habilidades, competências e atitudes específicas no trato com toda a comunidade escolar, na *práxis* cotidiana. Assim, na observação, na análise e na compreensão que apresento dos processos e formas de participação, constituem-se em condição para que se possa aprimorar este processo na escola em estudo.

Na educação para a democracia, considerada como um compromisso de todos, exige-se, por um lado, que professores não só transmitam conhecimentos, mas pratiquem juntamente com os alunos os valores e princípios democráticos; por outro, que as famílias participem na formação da cidadania democrática. É essencial, também, o papel dos meios de comunicação social no fortalecimento de uma cultura democrática. É imperativo que os setores de âmbito político educacional promovam ações destinadas à integração de valores, princípios, objetivos e dimensões da participação democrática na rotina educacional.

Dentro desta visão, os atores sociais – gestores, técnicos, administradores, coordenadores, professores, auxiliares, pais e alunos – são canais de concretização da ação democrática na escola, que na medida dos seus engajamentos e dos seus compromissos abrem caminhos para a superação de barreiras que possam impedir a concretude dessa nova escola, mais dinâmica, mais participativa, mais aberta, mais *VIVA* e consequentemente mais democrática. Essa escola que é feita "com" todos e "para" todos.

No decorrer da pesquisa o que mais me inquietou foi perceber a contradição entre o que eu ouvi dos representantes da escola, nas formações realizadas pelo Projeto Conselhos Escolares nos 04 anos consecutivos de 2002 a 2005 e o que vi, ouvi e vivi no cotidiano, durante 04 meses, frequentando a escola. É outra escola, com novos atores, nova gestão municipal, nova proposta de educação, portanto, uma nova realidade.

A prática participativa que está sendo construída no cotidiano da escola pesquisada está longe de ser considerada ideal. No seu Projeto Político Pedagógico a escola prima por uma formação para a cidadania em que a participação seja um *saber-fazer* escolar, mas este processo participativo está caminhando a passos lentos. Algumas ações pontuais como o Conselho de Ciclo/Classe, a Reunião Avaliativa Semestral e algumas práticas cotidianas da Coordenação Pedagógica vislumbram o início da construção de um processo democrático participativo. Todavia, é necessário que os envolvidos neste processo tenham o conhecimento, a consciência e o compromisso com o seu papel social e busquem coletivamente atingir aos objetivos da escola.

A participação dos atores sociais nos espaços da escola se restringe presença nos eventos, nas aulas, nas reuniões, no Conselho Escolar, no Conselho de Ciclo/Classe, etc. Isto significa uma participação apenas formal, ou seja, é uma participação inerte, comodista, passiva, sem expressões verbais, apática e, portanto, indiferente com a dimensão sociocultural da realidade e não contribuindo para o desenvolvimento da construção da cultura participativa na escola, porque os sujeitos não se envolvem, não se sentem parte e não decidem, apenas presenciam.

A presença na escola do uso da liberdade de expressão e de organizações formais representativas como o Conselho Escolar e o Conselho de Ciclo/Classe, não significa que a escola seja considerada participativa, haja vista que participar implica compartilhar responsabilidades por meio de decisões tomadas coletivamente.

A atitude competente da administração e dos docentes é crucial para impulsionar no ambiente educacional o processo de envolvimento, de autonomia e de construção da cultura de participação democrática na vida da escola.

Neste sentido, percebemos que na escola pesquisada, nem todos têm a noção de que a convivência democrática, sinônimo de “projeto coletivo” só ocorrerá de fato, se todos os que lidam com a educação estiverem dispostos a participar de forma compartilhada e corresponsável no cotidiano da escola, pois a participação democrática no cotidiano escolar só se materializará a partir de duas ações: pela responsabilidade

coletiva e pela vontade individual de transformar a própria consciência com autocrítica e humildade para aceitar a diferença.

Este estudo aponta que falta, por parte dos profissionais da educação, o conhecimento, a vontade, a crença e a coragem para aderir ao compromisso político que uma ação participativa requer. Por parte do poder público e do Estado, faltam ainda, políticas públicas de investimento na educação para que a gestão democrática se consolide nas escolas efetivamente, pois com a possibilidade da participação democrática na vida cotidiana da escola, se concretizará pela promoção do desenvolvimento do ser humano como ser social, com o desenvolvimento do espírito de coletividade na escola. Com responsabilidade social conjunta, poderá se tornar um ambiente de expressão da cidadania por parte dos profissionais e de aprendizagem social efetiva pelos (as) alunos (as).

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da Prática Escolar.* São Paulo: Papirus, 1995.

_____. *Etnografia da Prática Escolar.* 2ª Ed. São Paulo: Papirus, 1996.

ANTUNES, Ângela. *Aceita um Conselho?* Como organizar o colegiado escolar. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação como Cultura.* Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

_____. *Pensar a Prática: escritos de viagem e estudos sobre a educação.* São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988.*

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia da Práxis.* 2ª ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1998.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 3ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública:* A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

LUCK, Heloisa. *A gestão participativa na escola.* Série: Cadernos de Gestão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. *A Escola Participativa: o trabalho do gestor escolar.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PARO, Vítor Henrique. *Gestão Democrática da Escola Pública.* São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Administração Escolar:* introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2000.